

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO  
Centro de Ciências Humanas - Psicologia

AMANDA DE PÁDUA CRUZ

ANÁLISE DOCUMENTAL DE MATERIAIS AUDIOVISUAIS SOBRE A  
SEXUALIDADE DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

BAURU  
2021

AMANDA DE PÁDUA CRUZ

ANÁLISE DOCUMENTAL DE MATERIAIS AUDIOVISUAIS SOBRE A  
SEXUALIDADE DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Monografia de Iniciação Científica Voluntária  
Centro Universitário Sagrado Coração  
(UNISAGRADO), curso de graduação em  
Psicologia, orientação da Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Ana Carla  
Vieira Ottoni.

BAURU

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

C955a	<p>Cruz, Amanda de Pádua</p> <p>Análise documental de materiais audiovisuais sobre a sexualidade de pessoas com transtorno do espectro autista / Amanda de Pádua Cruz. -- 2021. 48f.</p> <p>Orientadora: Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Ana Carla Vieira Ottoni</p> <p>Monografia (Iniciação Científica em Psicologia) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP</p> <p>1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Asperger. 3. Sexualidade. 4. Neurodiversidade. I. Ottoni, Ana Carla Vieira. II. Título.</p>
-------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Dedico este trabalho a comunidade LGBTQIA+ e as pessoas com TEA, por tudo que vocês me ensinaram.

## AGRADECIMENTOS

Pesquisar muitas vezes é um processo solitário, que exige dedicação e muito amor. Porém, não é um processo individual, pois exige uma enorme rede de apoio, e de contribuição de forma direta ou indireta de pessoas que já estiveram ou estão em nossas vidas. Esse trabalho não teria nascido ou sido finalizado sem essas pessoas, a vocês sou extremamente grata.

A minha família, gostaria principalmente de agradecer em especial a minha mãe e meu pai, por terem me dado uma ótima educação, e por sempre me incentivarem a ir atrás daquilo que sonho. Agradeço imensamente pelo carinho e amor de vocês, sei que vocês fariam de tudo por mim. Obrigada, amo muito vocês.

A minha orientadora, expresso imenso e eterno agradecimento, palavras não exprimem a quão grata me sinto por ter sido sua orientanda. Como sua aluna pude presenciar a luz, calor e cor que você traz a uma sala de aula. Já como orientanda só tive a certeza de que não poderia haver uma orientadora melhor, aprendi e continuo aprendendo todos os dias com você. Te admiro imensamente como pesquisadora e mulher. Obrigada por me mostrar que eu posso fazer e ser coisas que nem eu mesma tinha ideia.

Não poderia deixar de agradecer as minhas colegas de pesquisa e grandes amigas pessoais Mariana e Geovana, que trilharam cada passo dessa jornada ao meu lado, admiro muito vocês, e não há outras pessoas que eu gostaria mais de ter compartilhada dessa jornada de pesquisa do que com vocês. As minhas colegas de classe e amigas Daniela, Hiasmin, pelas conversas e risadas. Aos inúmeros professores, gostaria de agradecer o professor Alekssey Marcos Oliveira Di Piero, Luiz Antonio Lourencetti, e a professora Tatiana de Cassia Ramos Netto, por me ensinarem tanto, através das suas aulas desenvolvi admiração pelo tipo de profissionais que vocês são.

Agradeço também aos meus amigos de infância e adolescência, Clara, Isabella, Laura, Natália, Mário, que sempre me incentivaram e apoiaram a estudar psicologia e sexualidade. Aos inúmeros amigos e colegas que tive o prazer de conhecer morando em Bauru, agradeço pelos momentos extremamente felizes, certamente vocês são responsáveis por grande parte dos meus sorrisos, em especial agradeço, Lucas, Felipe (Felps), Igor (Igão), Juliano (Juji), Victor (Domo), Thiago (Thi), Matheus (Polli), Matheus (Zoca), Isabela (Isa).

Agradeço, por fim, imensamente àquelas que possibilitaram a existência dessa pesquisa, aos produtores de conteúdo com TEA, gostaria de dizer que o trabalho de vocês é extremamente necessário. Foi um grande prazer e lição poder ouvir seus relatos. Obrigada!

## RESUMO

Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) são frequentemente infantilizadas ou marginalizadas das discussões e direitos sobre sexualidade, o que é enfaticamente criticado. Os estudos sobre a sexualidade de pessoas autistas são escassos e, muito comumente, os dados coletados com familiares, profissionais e outros sujeitos envolvidos em suas vidas. Assim, este trabalho teve como objetivo identificar e descrever aspectos da sexualidade de pessoas com TEA/SA a partir de materiais audiovisuais produzido por elas mesmas, respeitando as indicações do movimento da neurodiversidade sobre autorepresentação. A pesquisa propôs a análise documental de vídeos disponibilizados na plataforma *online* Youtube, com os critérios de inclusão da amostra: materiais no formato de vídeos disponibilizados pública e gratuitamente; língua portuguesa; protagonizados e produzidos por pessoas com TEA, com idade maior que 18 anos. Os materiais resultantes da busca com as combinações de palavras-chave “Autismo” e “Sexualidade”, “Autista” e “Sexualidade”, “Asperger” e “Sexualidade”, “Autismo” e “Relacionamentos” e “Autismo” e “Sexo”, foram assistidos para confirmação de inclusão nos critérios estabelecidos. Após selecionado e organizado o material, os áudios dos vídeos foram transcritos para texto e tratados a partir da Análise de Conteúdos. Os resultados foram categorizados em três grandes eixos: 1) Descrição de aspectos particulares da sexualidade de pessoas autistas; 2) Relatos sobre a sexualidade no que se refere ao outro: relacionamentos sociais, sexuais e/ou amorosos; 3) Vivências de educação sexual. Os dados foram analisados a partir de literatura atual e relevante da área. No eixo 1 observou-se que a intersecção entre o espectro autista e o espectro da sexualidade produz vivências múltiplas. Já o eixo 2 possibilitou entender a necessidade de programas de intervenção voltados para habilidades sociais, e a necessidade de pesquisas voltadas a dinâmicas de casal. Sobre o eixo 3 observou-se a importância de uma rede de apoio na educação sexual de pessoas com TEA, e melhor educação sexual ofertada por parte das escolas. Como sugestão para estudos futuros é necessário reforçar a necessidade da participação de pessoas neurodivergentes, o aumento no rigor de pesquisas qualitativas sobre o TEA, e abordagens diversas, como neuroqueer, no campo de pesquisas.

**Palavras-Chave:** Transtorno do Espectro Autista. Síndrome de Asperger. Sexualidade. Neurodiversidade.

## ABSTRACT

People with Autism Spectrum Disorder (ASD) are often infantilized or marginalized from discussions and rights about sexuality, which is emphatically criticized. Studies on the sexuality of autistic people are scarce and, very commonly, data are collected from family members, professionals and other subjects involved in their lives. Thus, this study aimed to identify and describe aspects of the sexuality of people with ASD/AS from audiovisual materials produced by themselves, respecting the indications of the neurodiversity movement on self-representation. The research proposed the documentary analysis of videos made available on the Youtube online platform, with the sample inclusion criteria: materials in the form of videos made available publicly and free of charge; Portuguese language; starring and produced by people with ASD over 18 years of age. The materials resulting from the search with the keyword combinations "Autism" and "Sexuality", "Autistic" and "Sexuality", "Asperger" and "Sexuality", "Autism" and "Relationships" and "Autism" and "Sex" , were assisted to confirm their inclusion in the established criteria. After selecting and organizing the material, the audios of the videos were transcribed into text and treated using Content Analysis. The results were categorized into three main axes: 1. Description of particular aspects of the sexuality of autistic people; 2. Reports on sexuality with regard to the other: social, sexual and/or love relationships; 3. Experiences of sex education. Data were analyzed based on current and relevant literature in the area. In axis 1, it was observed that the intersection between the autistic spectrum and the sexuality spectrum produces multiple experiences. Axis 2, on the other hand, made it possible to understand the need for intervention programs aimed at social skills, and the need for research aimed at couple dynamics. On axis 3, the importance of a support network in the sexual education of people with ASD was observed, as well as better sexual education offered by schools. As a suggestion for future studies, it is necessary to reinforce the need for the participation of neurodivergent people with the most diverse, the increase in the rigor of qualitative research on ASD, and a neuroqueer approach in the research field.

**Keywords:** Autistic Spectrum Disorder. Asperger's syndrome. Sexuality. Neurodiversity.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Caracterização geral de participantes e vídeos .....	16
<b>Quadro 2:</b> Descrição das categorias elaboradas para análise.....	17
<b>Quadro 3:</b> Categorias e subcategorias da análise de conteúdo dos relatos. ....	18

## LISTA DE ABREVIATURAS

DSM: *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* ou Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

LGBTQIAP+: Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais/travestis, queer, intersexo, assexuais, pansexuais e outras possibilidades não heterossexuais.

TEA: Transtorno do Espectro Autista

SA: Síndrome de Asperger

TEA/SA: Transtorno do Espectro Autista/ Síndrome de Asperger

WAS: *World Association for Sexual Health* (Associação Mundial de Saúde Sexual)

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>14</b>
1.1 Gerais.....	14
1.2 Especificos.....	14
<b>3. MÉTODO.....</b>	<b>14</b>
4.1 A natureza do estudo.....	14
4.2 Materiais de análise .....	15
4.3 Procedimento de coleta e análise de dados .....	15
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>47</b>

## INTRODUÇÃO

De acordo com o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-5) (2013), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de desenvolvimento neurológico. Suas características estão dentro de um espectro, no qual o indivíduo pode ter dificuldades mais ou menos significativas nos domínios comunicação social e comportamentos/interesses repetitivos restritivos, com ou sem comorbidade de deficiência intelectual, problemas de linguagem e catatonia. Devido as essas características, pessoas autistas podem enfrentar obstáculos sociais em diversas áreas da vida.

Devido a essas dificuldades de desenvolvimento de linguagem e interação social, uma das barreiras encontradas por pessoas com TEA relaciona-se à sexualidade. A sexualidade envolve muitos componentes, sendo alguns de ordem pessoal, como o genital e o emocional, e outros de natureza social e cultural, todos em constante interação. “Dizendo de outro modo, nossa sexualidade é modelada em grande medida pelos padrões existentes na cultura numa determinada época, e tais padrões são aprendidos durante a socialização” (MAIA, 2011, p. 32).

Embora os estudos sobre sexualidade de pessoas com TEA ainda sejam pontuais e não haja consensos sobre o assunto, considera-se, em geral, de suma importância o investimento em uma educação sexual de qualidade. Ottoni e Maia (2019), a partir de uma revisão da literatura, concluíram que existe a necessidade de subsidiar a elaboração de propostas de educação sexual para essa população, uma vez que são mais vulneráveis às situações de violências. Tincani e Travers (2010) acrescentam que as justificativas para a educação sexual desses indivíduos são: prevenir o assédio sexual, promover saúde e higiene, facilitar relacionamentos. Vieira (2016) demonstra a importância do papel de pais/cuidadores e educadores frente à educação sexual de pessoas com TEA, pois é parte fundamental do desenvolvimento desses indivíduos, além de que a sexualidade é um direito humano, e deve ser respeitado.

Porém, não é difícil que ocorra a exclusão da perspectiva das próprias pessoas com TEA sobre o assunto, ou seja, marginalização com relação a seu local de fala. É muito comum que os estudos sobre a sexualidade comparem ou a descrevam a partir de uma perspectiva neurotípica, ou seja, a visão de pais/cuidadores ou de cientistas que não são pessoas com TEA (DEWINTER. *et al*, 2013; GOUGEON, 2010; OTTONI; MAIA, 2019). Na busca por modificar essa situação, é de suma importância abordar a perspectiva do movimento da Neurodiversidade.

O termo Neurodiversidade foi cunhado pela socióloga Judy Singer, a qual defende que indivíduos que possuem multiplicidade neurológica são parte de uma nova categoria social e política presente na diversidade humana. (SINGER, 1998). Ortega (2009) explica que o termo “Neurodiversidade” se refere a pessoas que possuem a “conexão neurológica” (*neurological wiring*) atípica ou neurodivergente, do que é considerado típico. Ou seja, trata-se de uma diferença humana, que deve ser respeitada como as outras. Armstrong (2010) salienta que o movimento da Neurodiversidade reconhece as variações neurológicas como parte da diversidade presente do que constitui ser humano, e não mais devem ser vistas como uma patologia ou deficiência.

Den Houting (2018), em seu artigo “*Neurodiversity: An insider’s perspective*” (Neurodiversidade: Uma perspectiva de alguém de dentro) mostra sua perspectiva enquanto uma psicóloga pesquisadora diagnosticada com TEA. Ela aponta que o autismo só é considerado uma deficiência porque a sociedade é inóspita para pessoas autistas; em outras palavras, o autista só é considerado deficiente pois o ambiente no qual ele se insere é feito para acomodar apenas neurotípicos. A autora ainda fala sobre a importância de serviços que propõem a melhora da qualidade de vida enquanto respeita e preserva o jeito autista de ser, e possibilita que elas sejam de fato ouvidas. Ela exemplifica:

[...] Fornecendo a um autista não-verbal, um método alternativo de comunicação pode dar voz a eles, mas eles apenas pararão verdadeiramente de ser deficientes quando os outros o ouvirem. (DEN HOUNTIG, 2018, p.2)

Ortega (2009) reforça esse pensamento quando fala dos ideais do movimento da neurodiversidade “*By autistic for autistic*” (Por autistas, para autistas) e “*Nothing about us without us*” (Nada sobre nós sem nós). Esses ideais propõem que as tomadas de decisões na auto-organização social e política do movimento sejam feitas por indivíduos com TEA. De Houting (2018) resume o movimento da Neurodiversidade quando diz que a grande maioria dos indivíduos autistas podem contribuir de alguma forma sobre os serviços que eles irão receber. E que eles devem ser apoiados e ouvidos, independentemente do tipo de comunicação utilizada, seja ela através da fala, métodos alternativos de comunicação ou comportamentos.

Entretanto, não deve ser desconsiderado que assim como o espectro é uma representação ampla, as vivências de pessoas autistas e de suas famílias são muito diversas, sendo necessário entender os contextos e as realidades nos quais se inserem. Andrew

Solomon (2013) em seu livro “Longe da árvore: Pais, filhos e a busca da identidade”, retrata a vivência de pais cujos filhos são autistas, sendo marcantes os relatos de luta dos familiares para providenciar os cuidados médicos e educacionais, além de melhor desenvolvimento cognitivo, social e afetivo. As histórias descritas envolvem enredos de alegrias, tristezas, ganhos significativos no desenvolvimento, ou dificuldades como a internação compulsória. A mensagem central do capítulo sobre autismo de seu livro é clara: os diversos espectros envolvem vidas e experiências muito diferentes entre si, sendo difícil generalizar informações para pessoas diagnosticadas com TEA.

A imensa diversidade de histórias retratadas por Solomon (2013) esclarece que discutir questões de sexualidade, como consentimento, por exemplo, é bastante complexo: para aquelas pessoas com comunicação muito deficitária e interdidas legalmente, discutir consentimento é muito diferente se comparado a pessoas que falam, possuem autonomia de vida e habilidades cognitivas preservadas.

Retomando a questão do espectro, demarca-se que em sua quinta edição, o DSM consolidou este termo, que anteriormente era dividido nos subtipos: Transtorno Autista, Autismo de Alto Funcionamento, Autismo Atípico, Transtorno Desintegrativo da infância e Síndrome de Asperger. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Essa alteração foi projetada para melhorar a sensibilidade e especificidade dos critérios de diagnóstico de TEA e identificar metas de tratamento mais focadas para as deficiências específicas identificadas. Devido à amplitude do espectro, e às dificuldades de nomenclatura da literatura atual, adota-se neste trabalho a sigla “TEA”, para referência das pessoas autistas como um todo, e TEA/SA para pessoas enquadradas no que antes se denominava Síndrome de Asperger ou Autismo de Alta Funcionalidade (VIEIRA, 2016).

Ainda sobre a vivência da sexualidade, Moxon (2011) lembra que muita das vezes a mesma está somente atrelada à parte biológica do funcionamento. Entretanto, a sexualidade é um vasto processo ligado ao sentimento de ser aceito, de poder mostrar, dar e receber afeto, de se sentir valorizado e atraente, e poder dividir pensamentos e sentimentos. Perante esta breve revisão, pode-se analisar que existe a emergência de produção científica voltada à sexualidade de pessoas com TEA, e mais especificamente, TEA/SA. Respeitando o ideal “Nada sobre nós, sem nós”, o presente trabalho busca identificar e descrever aspectos relacionados à sexualidade de pessoas com TEA/SA, em materiais audiovisuais produzido pelo próprio público.

### 3.1 OBJETIVOS

#### 3.1 Gerais

Identificar e descrever a sexualidade de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a partir de materiais audiovisuais produzidos pelo próprio público.

#### 3.2 Específicos

- a) Buscar e organizar conteúdo audiovisual produzido por pessoas com TEA;
- b) Identificar dentre os conteúdos abordados, questões específicas sobre sexualidade;
- c) Descrever os conteúdos a partir de categorias similares, comparando-os à literatura existente.

## 4. MÉTODO

### 4.1 NATUREZA DO TRABALHO

Esse estudo é de natureza documental, tendo como material central vídeos da plataforma *online* “*Youtube*<sup>1</sup>”, a fim de conteúdo audiovisual produzidos pelo próprio público autista. Segundo Gil (2008, p.51), este tipo de pesquisa “assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes”, utilizando materiais que não receberam um tratamento analítico, ou aqueles que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. Bardin (2011) define que o objetivo da análise documental é atingir o armazenamento sob uma forma variável, e que facilite o acesso ao observador, obtendo o máximo de informação, com o máximo de pertinência.

Além de ser um estudo documental, trata-se de um estudo de cunho qualitativo descritivo. A pesquisa qualitativa parte de questões ou focos de interesses amplos, e envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas pelo contato direto do pesquisador com a situação estudado, procurando entender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995). Segundo Gil (2002, p.42) “As pesquisas descritivas

---

<sup>1</sup> Youtube: Trata-se de uma plataforma de conteúdo audiovisual. O *Youtube* permite conexão tanto entre os produtores de conteúdo, como entre produtor e expectador através da aba de comentários e os botões de “curtir” e “descurtir”, para avaliar um vídeo.

têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

#### **4.2 MATERIAIS DE ANÁLISE**

Os materiais utilizados foram 22 vídeos, encontrados na plataforma de conteúdo audiovisual *Youtube*, na qual é possível assistir ou publicar conteúdos, sem qualquer tipo de custo. Foram critérios de inclusão da amostra para seleção dos materiais audiovisuais: a) uso das combinações de palavras-chave: “Autismo” e “Sexualidade”, “Autista” e “Sexualidade”, “Asperger” e “Sexualidade”, “Autismo” e “Relacionamentos” e “Autismo” e “Sexo”; b) materiais no formato de vídeos disponibilizados na plataforma *Youtube* pública e gratuitamente; c) vídeos em língua portuguesa; d) vídeos protagonizados e conteúdos produzidos por pessoas com TEA; e) materiais produzidos por pessoas com idade maior que 18 anos.

Foram critérios para exclusão da amostra: a) vídeos produzidos por pessoas neurotípicas, mesmo que sobre o assunto, como familiares; b) materiais com participação de pessoas com menos de 18 anos de idade; c) outros formatos de materiais, como áudios; d) materiais com restrição de acesso.

Entende-se que, por constituírem material de acesso público, haja liberação do uso de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como análise de Comitê de Ética para pesquisas aplicadas em seres humanos, tendo em vista que os materiais estão disponibilizados anteriormente na plataforma, de modo público e acessível a quaisquer usuários (ANEXO I).

#### **4.3 PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS**

A coleta de dados ocorreu a partir da utilização de um computador com acesso à internet, na plataforma *online Youtube*, no modo público – ou seja, sem assinatura específica, para que fossem buscados materiais de acesso geral, gratuitos. As combinações de palavras-chave foram inseridas uma por uma no campo de busca, sendo elas: e palavras-chave “Autismo” e “Sexualidade”, “Autista” e “Sexualidade”, “Asperger” e “Sexualidade”, “Autismo” e “Relacionamentos” e “Autismo” e “Sexo”. A busca gerou um total de 22 vídeos, protagonizados por 11 produtores de conteúdo para o *Youtube*. Os vídeos foram assistidos

para verificação do enquadramento nos critérios de inclusão da amostra e na temática deste trabalho.

Todos os dados quantitativos da busca foram organizados para análise. Após a checagem de todo conteúdo audiovisual encontrado, aqueles selecionados foram revistos, e seu áudio transcrito em texto no programa *Microsoft Word*, sendo os vídeos categorizados por números, e o nome dos participantes e produtores do conteúdo audiovisual substituídos por letras, como Vídeo 1, participantes A e B; Vídeo 2, participante C. A relação dos participantes e vídeos encontrados na plataforma pode ser visualizada no Quadro 1, logo abaixo. Os participantes estão identificados pela letra maiúscula P (de participante) seguida de uma letra do alfabeto latino.

**Quadro 1:** Caracterização geral de participantes e vídeos

Participante	Vídeo	Identidade de gênero	Número de inscritos no canal	Tempo de duração	Nº de visualizações em Fev/2021	Data de publicação
P:A	Vídeo 1	Masculino cisgênero	142 mil	5:02	145.871	9 de mai. de 2017
	Vídeo 2			5:37	37.811	5 de jun. de 2017
P: B	Vídeo 3	Masculino cisgênero	36,9 mil	10:15	16.781	13 de jul. de 2019
	Vídeo 4			12:14	18.276	17 de jul. de 2019
	Vídeo 5			11:56	66.567	1 de nov. de 2017
	Vídeo 6			11:07	6.015	7 de dez. de 2019
	Vídeo 7			10:19	7.665	22 de mai. de 2019
	Vídeo 8			15:11	14.483	10 de out. de 2018
P: C	Vídeo 9	Feminino cisgênero	996	10:21	568	9 de mar. de 2020
P: D	Vídeo 10	Feminino cisgênero	811	9:38	1.168	21 de mai. de 2020
P: E	Vídeo 11	Masculino cisgênero	3,06 mil	11:30	198	29 de dez. de 2019
P: F	Vídeo 12	Feminino cisgênero	O número de inscritos do canal não está disponível para visualização	14:30	1.148	19 de jun. de 2019
	Vídeo 13			12:44	544	8 de mai. de 2020
	Vídeo 14			11:37	839	12 de jun. de 2019
	Vídeo 15			17:39	4.891	4 de mai. de 2019
P: G	Vídeo 16	Feminino cisgênero	420	7:42	635	1 de mar. de 2020
	Vídeo 17			6:20	477	10 de mar. de 2020
P: H	Vídeo 18	Feminino cisgênero	484	7:21	532	12 de jan. de 2019
P: I	Vídeo 19	Masculino	185 mil	8:45	79.618	6 de mar. de

		cisgênero				2019
P: J	Vídeo 20	Masculino cisgênero	2,68 mil	13:46	1.102	9 de mar. de 2016
	Vídeo 21			25:41	2.441	16 de mar. de 2016
P: K	Vídeo 22	Feminino cisgênero	11,1 mil	3:36	940	4 de jan. de 2019

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

O procedimento de análise dos dados foi baseado na proposta de Análise de Conteúdos, de Bardin (2011). Após seleção dos materiais, as seguintes etapas foram seguidas: a) Leitura exaustiva das transcrições dos vídeos; b) Elaboração de agrupamentos temáticos e categorias; c) Análise e discussão dos dados procurando responder aos objetivos da pesquisa

De acordo com Laura Franco (2005), a análise de conteúdo tem início com as buscas iniciais, suas impressões provindas do contato com os materiais e início das sistematizações. Após isso, as categorias são estabelecidas por agrupamentos temáticos.

Após a transcrição na íntegra das falas dos vídeos e a partir da análise dos textos transcritos, construiu-se, por relevância teórica, três grandes categorias de análise conforme o quadro a seguir:

**Quadro 2:** Descrição das categorias elaboradas para análise

<b>Eixos</b>	<b>Descrição</b>
1. Descrição de aspectos particulares da sexualidade de pessoas autistas	Nesse eixo constam relatos sobre diversas concepções e expressões de sexualidade da pessoa autista.
2. Relatos sobre a sexualidade no que se refere ao outro: relacionamentos sociais, sexuais e/ou amorosos	O eixo reúne relatos sobre como se dão os relacionamentos sociais, amorosos, afetivos e sexuais da pessoa autista.
3. Vivências de educação sexual	Constam relatos sobre a educação sexual na família, escola, profissionais e outras redes da pessoa autista.

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Tais categorias foram agrupadas, portanto, diferentes temáticas e foram analisadas detalhadamente. Nesse sentido, a distribuição das temáticas ocorreu em subcategorias, que serão descritas e apresentadas a seguir.

**Quadro 3:** Categorias e subcategorias da análise de conteúdo dos relatos

Eixos	Categorias
1. Descrição de aspectos particulares da sexualidade de pessoas autistas	1.1 Concepções sobre a sexualidade de pessoas autistas 1.2 Identificação LGBTQIA+ 1.3 Desejo amoroso e sexual
2. Relatos sobre a sexualidade no que se refere ao outro: relacionamentos sociais, sexuais e/ou amorosos	2.1 Dificuldades relacionadas às habilidades sociais 2.2 Influência de características típicas do TEA 2.3 Configurações de relacionamentos 2.4 Expectativas com relação ao outro
3. Vivências de educação sexual	3.1 Experiências com familiares 3.2 Ações escolares 3.3 Apoio de profissionais 3.4 Internet como meio formativo

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados estão apresentados a partir dos eixos temáticos e suas categorias seguido de exemplos de fragmentos dos trechos de vídeos selecionados. Ainda, os produtores de conteúdo audiovisuais, protagonistas de cada vídeo, estão apresentados conforme os dados do quadro 1, com a letra P (participante), letra indicativa, identidade de gênero identificada pelos símbolos ♀ (feminino) e ♂ (masculino) e o vídeo que corresponde, dos onze participantes seis são mulheres, e cinco homens.

### **Eixo 1- Descrição de aspectos particulares da sexualidade de pessoas autistas**

Nesse eixo constam relatos sobre diversas concepções e expressões de sexualidade da pessoa autista. O eixo se ramifica em três categorias: concepções sobre a sexualidade de pessoas autistas; Identificação LGBTQIA; Desejo amoroso e sexual.

#### *Categoria 1.1 - Concepções sobre a sexualidade da pessoa autista*

Foram observados relatos que a pessoa autista pode sentir a sexualidade de maneira particular e com características específicas relacionadas ao espectro. Ainda, apontam para a presença de desejo afetivo e sexual independente de ser autista ou neurotípico. Correlacionam o amadurecimento físico e a presença de hormônios como responsáveis pelo prazer ao serem acariciados.

**P: A ♂ (Vídeo 1):** Bem cada um sente a sexualidade de maneira muito particular, mas alguns traços que predominam na sexualidade do autista. A primeira coisa que tem que ser dita é que sim um autista sente desejo em se relacionar com seus pares, afetivos, e sente desejo sexual, porque não dizer.

**P: A ♂ (Vídeo 2):** Como é que a sexualidade se manifesta no indivíduo com o transtorno do espectro autista então, cabe lembrar que a sexualidade vai se amadurecendo, porque as pessoas independente de serem autistas ou neurotípicas, elas tem hormônios, então meninos e meninas vão sim sentir que seus órgãos genitais dão prazer ao serem acariciados, ao serem tocados.

Na literatura comportamentos e desejos sexuais são observados e relatados por adolescentes e adultos com TEA, assim como a assexualidade também foi relatada (DEWINTER. *et al*, 2013). Os resultados de Brilhante *et al* (2021), corroboram com os achados nesta pesquisa nas falas P: A ♂ (Vídeo 1 e 2). Os autores por sua vez identificaram que pessoas com TEA se desenvolvam física e sexualmente de acordo com os estágios típicos de desenvolvimento. Entretanto a intersecção entre neurodiversidade e a identidade Queer produzem vivências extremamente complexas e diversas.

Zucker e Donvan (2017) lembram que o autismo, e toda sua história, “desafiam qualquer tipo de narrativa simples, retilínea”, pois se dá através das mais diversas vivências no tempo e espaço. Solomon (2013) os diversos espectros envolvem vidas e experiências muito diferentes entre si, sendo difícil generalizar informações para pessoas diagnosticadas com TEA.

Para o participante D tanto as pessoas neurotípicas quanto a pessoas autistas podem apresentar os mesmos comportamentos sexuais, porém, as características comuns como déficit em habilidades sociais, hipo-hiper sensibilidade auditiva, comportamentos repetitivos podem ser obstáculos nos relacionamentos amorosos e sexuais.

**P: D ♂ (Vídeo 10):** então primeiro de tudo é importante dizer que as pessoas neurotípicas tem todos os tipos de comportamento sexuais que as pessoas autistas tem. (No vídeo aparece escrito “Pessoas autistas tem a mesma gama de comportamento sexuais que as pessoas não autistas”). Porém (dá uma pequena risada) os nossos principais sintomas como o déficit em habilidades sociais, a hipo-hiper sensibilidade auditiva, e os comportamentos repetitivos, eles podem ser um barreira invisível na hora de se relacionar romanticamente ou sexualmente com alguém.

Essas características, déficits sociais e deficiência nas habilidades de comunicação verbal e não verbal, bem como comportamentos repetitivos, incluindo interesses fixos

apontadas pela participante são descritas pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM V) (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). No entanto, essas características não excluem que a maioria dos indivíduos com TEA experimentam sim interesse, comportamento e desejo sexual e entra na atividade sexual relacionamentos (MAY, PANG, WILLIAMS, 2017). Ottoni e Maia (2019) concluem que essas características podem ser limitantes comuns no desenvolvimento sexual de pessoas com TEA.

O participante B relata que o relacionamento amoroso, o ato sexual em si e o prazer só ocorrerá se a pessoa estiver bem consigo mesma se não o momento da intimidade pode não ser bem aproveitada como observado no trecho a seguir:

**P: B ♂ (Vídeo 5):** É...eu acredito que o Asperger ele tem um grau, aonde ele tem que tá bem para ele aproveitar o relacionamento na parte amorosa tá, na parte sexual. Então na parte sexual mesmoo tá, dando ênfase no mesmo, você tem que tá muito bem, é sério, uma pessoa com Asperger ela só vai transar, ela só vai ter prazer quanto ela tá muito bem, ela tem que tá bem resolvida, sabe? [...] Então se eu tô mal, eu não vou conseguir aproveitar aquele momento de intimidade

Spiel *et al* (2018) descrevem que as pessoas neurodiversas percebem o mundo de maneira diferente das pessoas neurotípicas, devido a sensibilidade sensorial, e isso reflete em aspectos sexuais. Outro ponto importante trazido pelos autores, é a necessidade de brinquedos sexuais voltada para o público neurodiverso, uma vez que os mesmos são projetados visando alcançar o público neurotípico. A justificativa é em primeiro lugar reconhecer a sexualidade de pessoas dentro do TEA, e a segunda é de que através dos brinquedos sexuais projetados especificamente para o público neuroatípico é passível ter um melhor entendimento da sexualidade vivenciada por eles, seguindo o ideal da Neurodiversidade, ao não negligenciar a perspectiva dos mesmos.

### *Categoria - 1.2 Identificação LGBTQIA+*

Nessa subcategoria foram compilados os relatos sobre identificação que pode haver bem como as vivências das expressões LGBTQIAP+ entre o público alvo da pesquisa. Entre as identidades foi relatado pelos participantes sobre orientações sexuais: bissexualidade e a assexualidade.

. Quanto a incidência de pessoas LGBTQIAP+, indicou-se que há maior incidência de pessoas da comunidade LGBTQIAP+ entre os autistas, esse fenômeno de maior incidência foi citado como decorrente da naturalização da sexualidade e de questões relacionadas por parte da pessoa autista pelo participante B e F:

**P: B ♂ (Vídeo 6):** É...eu quero que vocês entendam que no último encontro autista que eu fiz pessoalmente no centro cultural, eu vi vários autistas lá, e vários desses autistas eram gays, e alguns deles não sabiam que eram gays, e [...] Então cara, se o cara tendo outro cara tá feliz, tudo bem, se a menina tem outra menina ta feliz, tá tudo bem, e eles não se importam muito com isso, então assim, geralmente a maior parte dos autistas são bissexuais ou homossexuais, tá. Então assim eu tenho é, essa consciência porque eu convivo com muito autista, então eu sei disso tá, [...]. E o que eu quero que vocês entendem é que realmente existe isso tá, é...muitos autistas, eles são homossexuais, e é porque na mente deles, tudo é permitido, então muitos são pansexuais, tipo não ligam pra gênero, sexo.

**P: F ♀ (Vídeo 12):** Gente a sexualidade é, do autista né, é isso tem estudos, pesquisas em vários...é canais científicos né, revistas científicas, estudos sérios falando que o autista em geral, ele é muito livre na sexualidade, então ele tende a ser bissexual. Isso é uma regra?, de jeito nenhum, eu por exemplo não estou nessa regra, eu sou heterossexual, ou seja eu sou uma mulher que gosta do sexo masculino, então eu sou mulher e gosto de homem. Mas eu nunca tive desejo de ficar com mulher, nunca tive, enfim, se eu tivesse também não teria problema nenhum, mas eu nunca tive interesse, então assim a minha sexualidade realmente é muito bem definida.

**P: F ♀ (Vídeo 13):** [...] os autistas, muito autistas são bissexuais, porque não importa o sexo, o que importa é o que estou sentindo, o que tem de troca,

Mas por outro lado o participante D relatou ainda há a percepção oposta, que não existe maior incidência de pessoas autistas, proporcionalmente falando, do que pessoas não autista na comunidade LGBTQIA+. Essa outra percepção também é decorrente da naturalização da sexualidade e de questões relacionadas por parte da pessoa autista. O participante acredita que isso ocorre pois enquanto pessoas neurotípicas podem estar se privando de viver a própria sexualidade devido ao padrão heteronormativo e cisgênero da sociedade, pessoas autistas pela naturalização da sexualidade vivenciam mais essa identificação LGBTQIA+.

**P: D ♀ (Vídeo 10):** Para fechar, para fechar eu gostaria de trazer um dado estatístico, algumas pesquisas mostram há entre 15 e 35 por cento mais pessoas LGBTQIA+ na população autista do que na população não autista. E agora o que eu acho sobre isso, essa é minha visão antropológica (Aparece escrito a seguinte colocação no vídeo “Eu sou antropóloga de verdade”), da minha experiência, e do que eu converso com meus colegas. Eu acredito que não existam mais pessoas autistas, proporcionalmente falando, do que pessoas não autista na comunidade LGBTQIA+ (Aparece escrito a seguinte colocação no vídeo “Não há mais pessoas autistas que são LGBTQIA+). Porque eu digo isso (Aparece escrito a seguinte

colocação no vídeo “calma”) pessoas autistas, nós autistas, somos pessoas realmente muito mais literais do que as outras pessoas, e isso é, nos torna mais desprendidos de certas normas culturais e sociais que não estão escritas, que não estão explícitas.[...] É, e eu acho que essa é a diferença, eu acho que poucas pessoas não autistas estão vivendo a própria sexualidade, então por não entender essas opressões as pessoas autistas, as nuances, digamos, a gente entende o que é opressão e tudo mais. Mas essas nuances de preconceito, de opressão eu acho que, que para gente é menos evidente, então a gente sente menos de certa forma.

Há literatura demonstra interesse na identificação de neuroatípicos LGBTQIA+, entretanto é importante lembrar a perspectiva histórica envolta da intersecção entre sexualidade e deficiência, na qual ambas as identidades foram patologizadas, inclusive por pesquisadores (EGNER,2019). Por necessário argumentar as incongruências no atual campo de pesquisa, cabendo reforçar a necessidade da participação de pessoas neurodivergentes em pesquisas, e o aumento no rigor de pesquisas qualitativas sobre o TEA e ainda mudar o focal de pesquisa para como a pessoa com TEA experiêcia essa dupla vivência (CRANE, SESTERKA, DEN HOUTING, 2021).

Primeiramente é importante apontar que os artigos possuem um olhar biologizante e limitado quando sugerem “comorbidade” ou “co-ocorrência” entre “traços autistas” e disforia de gênero e/ou orientação sexual. Por isso é importante entender as narrativas de pessoas neuroatípicas LGBTQIA+, pois elas trazem novas conceituações de gênero como fluido e interseccional (VAN SCHALKWYK, 2019). Por isso cabe questionamentos ao papel das teorias dominantes do autismo na condução de narrativas patologizantes, pois as mesmas acabam deixando grande parte da experiência autista sem explicação (CHAPMAN, 2020).

Dessa forma é importante que a comunidade científica se atente a emergência de um possível novo paradigma entre sexualidade e TEA. Egner (2019), propõem dois termos, o primeiro “*Neuroqueer*” e “*Neuroqueer disidentification*”. “*Neuroqueer*” se refere aqueles que não se identificam com ambas as identidades dominantes e de contracultura que perpetuam discursos do modelo médico de cura, e rejeita as concepções tipificadas de identidade, como: branquitude, capacitismo físico/mental, heterossexualidade compulsória e a cisgeneridade. Já sobre a “*Neuroqueer disidentification*” coloca a Neurodiversidade como um dos pilares dos pesquisadores sociais, pois a sua não utilização reforça o normativo e as expectativas de cura.

Ambos os conceitos surgem como uma rejeição a ideia predominante de que se identificar com um gênero específico, depende da socialização de gênero adotada, e

exclusivamente de fatores como: identidade de gênero, sexualidade e orientação sexual. Adicionalmente a autora propõem que esses fatores variam de acordo com a neurologia, sendo assim, as experiências e significados de várias localizações sociais, só pode ser analisada através da neurodiversidade.

Já sobre a naturalização da sexualidade apontada pelos participantes, se faz necessário retomar que a sexualidade e seus aspectos são tratados como algo aprendido “naturalmente” por indivíduos neurotípicos. Entretanto a sexualidade é modelada pelos padrões existentes na cultura numa determinada época, e tais padrões são aprendidos durante a socialização. Essa aprendizagem ocorre de maneira informal, por meio de uso de figuras de linguagem, como metáforas. Pessoas com TEA por sua vez não compreendem regras sociais implícitas e habilidades sociais, essa dificuldade por sua vez pode estar correlacionada com o menor acesso a pares e amigos (CAGEA, BIRD, PELLICANOVA, 2016; MAIA, 2011; OTTONI, MAIA, 2019; STOKES *et al*, 2005)

Rosqvist e Jackson-Perry (2020) contempla a questão da naturalização da sexualidade por pessoas autistas ao dizer que a maior incidência de pessoas LGBTQIA+ ocorre, pois, pessoas neurotípicas podem ser afetadas pela pressão social de seguir normas sociais quanto a questão da sexualidade. Enquanto pessoas autistas são menos propensas a seguir normas sociais e se comportar sexualmente de acordo com elas.

A bissexualidade foi expressa em alguns trechos da fala de dois participantes dos vídeos. Relataram sobre as experiências e vivências que tiveram relacionadas a bissexualidade conforme vemos a seguir:

**P: B ♂ (Vídeo 5):** [...] é...assim, eu já, teve uma época na minha vida que eu já tive um relacionamento, tipo de experiência com um cara, porque eu não sabia o lado mesmo que eu estava, assim da sexualidade. Eu não sabia se eu era heterossexual ou se eu era homossexual, tá. Então, se você perguntar para mim hoje, o que que eu sou, eu posso dizer claramente para você, por culpar dessas experiências que eu tive anteriormente, que eu sou heterossexual, eu tenho certeza disso. Eu devo ser um dos poucos homens no universo que pode falar para vocês que eu realmente sei o que eu sou, porque eu já experimentei o outro lado, tá.[...] Então como é 8-80 (faz sinal com os dedos para simbolizar o numero 8 e o numero 80), eu experimentei o 8 e o 80, aí eu falei, puts o 80 é o que eu realmente me agrada, e o que encaixa legal comigo. E aí eu segui pela parte heterossexual.

**P: B ♂ (Vídeo 6):** [...] é...eu por exemplo já tive uma fase na minha vida que eu fui bissexual, então namorei um cara, tive um relacionamento completo, tive uma experiência super bacana.[...] E eu posso...eu sempre zoou com todos os meus amigos que de todos eles eu sou o único que pode, que tem certeza que não é gay, porque tipo eu já experimentei, eu já tentei, eu já participei daquele mundo, e eu descobri, cara não, não é o que eu gosto, e tá tudo bem. É a parte melhor de todas é que eu sai desse mundo levando tudo que é bom do mundo gay sacou, então assim

é...eu não trouxe preconceito, mas eu aprendi a me cuidar, eu aprendi a me vestir bem, a me arrumar, sacas, e tipo isso tudo eu trouxe realmente do mundo gay, e ta tudo tranquilo pra mim, não me sinto mal em falar isso pra ninguém.

**P: H ♀ (Vídeo 18):** Eu sou bissexual. E a minha sexualidade e a minha deficiência são ambos aspectos da minha identidade pelos quais sofri e tentei esconder com de piores repercussões, mas que acabei por aceitar com orgulho ao ponto de fazer os meus possíveis para chamar a atenção dos problemas pelos quais passamos. Nem com os meus amigos mais próximos era aberta sobre nenhum dos assuntos, talvez também por nem eu saber como os elaborar. Eu própria ainda não sabia definir a minha sexualidade. Se calhar ainda não estava definida, já que demorei mais uns anos a sentir atração por homens. Não conhecia ninguém fora do armário e tinha demasiado medo de contar a alguém, e mal eu compreendia os meus sentimentos. Da mesma maneira, não conhecia mais ninguém que soubesse ser Autista, ou Aspie, o termo que conhecia melhor. Tinha medo de ser julgada, e não percebendo muito do assunto acaba por também não compreender os meus comportamentos.

Pessoas bissexuais podem sofrer com estigma social, bullying na escola, assim como problemas de saúde mental como depressão e suicídio. (MAY, PANG, WILLIAMS, 2017). Um achado consistente na literatura é que indivíduos bissexuais relatam taxas mais altas de problemas de saúde mental em comparação com indivíduos monossexuais. (FEINSTEIN, DYAR, 2017).

Em artigo, Toft (2020), afirma que era comum que os participantes experimentassem mal-entendidos sobre sua sexualidade ou deficiência, particularmente em relação a como estes relacionados uns com os outros. O autor explica, que isso ocorre, pois o capacíssimo nega o acesso a qualquer identidade sexual, definindo pessoa com deficiência como assexuais. E ainda acrescenta que identidades LGBTQIA+ estão ainda mais fora do alcance das pessoas com deficiência.

A assexualidade foi relatada como uma das possibilidades de expressão da sexualidade da pessoa com autismo, sua expressão foi associada ao déficit em habilidades sociais e a não percepção e compreensão sobre intenções e relações sociais.

**P: B ♂ (Vídeo 3):** Muitos autistas são assexuados, e principalmente porque, a gente é...acaba não tendo uma leitura das pessoas em nível instintivo, então a gente não sabe por exemplo se uma pessoa tá flertando com a gente [...]

É importante também destacar que a assexualidade foi relatada não somente como um estado imutável, mas também como um período transitório da sexualidade.

**P: B ♂ (Vídeo 5):** [...] então, eu por exemplo em vários pontos da minha vida, eu me tornei uma pessoa completamente assexuada, ai você vai falar, nossa, é, como assim. Assexuada mesmo tá, tipo, o sexo não fazia nenhuma importância pra mim, eu podia ficar muito tempo sem sexo, tanto que eu fiquei um bom tempo sem sexo

na minha vida, e não me fez mal, e eu nem me masturbava, era de boa, não tava nem aí, eu tava focado em outras coisas

A assexualidade também foi diferenciada da arromanticidade, demonstrando que não necessariamente a não vivência da sexualidade implica na não vivência de relacionamentos amorosos.

**P: F ♀ (Vídeo 12):** Tem autista que não suporta sexo, então ele é assexuado, ele vai ter às vezes um relacionamento e ele vai viver como irmão entendeu, mas será que o parceiro ou a parceira sabia disso, será que o parceiro ou a parceira quer isso.

A assexualidade como parte do espectro das sexualidades, sofre alterações através das mudanças ocorridas durante a história das sociedades. Pessoas assexuais podem relatar prejuízo da saúde mental devido as cobranças de uma sociedade hiperssexualizada, na qual se deve praticar sexo para ser considerado “normal” e saudável. (SANTOS, CARVALHO, 2019).

Sobre a assexualidade é importante defini-la e explica-la, de acordo com a Grupo de Trabalho de Gênero, Sexualidade, Diversidade e Direitos (GT-GSDD) da Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade (SBMFC) (2020), pessoas assexuais não sentem atração sexual por outras pessoas, ou sentem muito pouco, ou apenas em algumas situações. Existem mitos acerca da assexualidade, mas é importante explicar que pessoas assexuais não são pessoas frias e incapazes de construir relações afetivas, assim como não são celibatária ou estão em abstinência. A assexualidade também não é resultado de doença, trauma ou influxo hormonal. (SBMFC, 2020).

P: F ♀ (Vídeo 12), relata que pessoas autistas podem viver a assexualidade romântica, que seria ter um interesse romântico por outra pessoas sem o contato sexual (SANTOS, 2016). Já P: B ♂ (Vídeo 3) relata a assexualidade como uma das possibilidades de expressão da sexualidade da pessoa com autismo, sua expressão foi associada ao déficit em habilidades sociais e a não percepção e compreensão sobre intenções e relações sociais. May, Pang, Williams (2017) apontam que aos safios sociais envolvidos em encontrar um parceiro podem estar relacionados com assexualidade. Esse relato salienta a importância de um programa de educação sexual que contemple as habilidades sociais como proposto por Ottoni et al (2021).

P: B ♂ (Vídeo 5), também destacou que a assexualidade não é somente um estado imutável, mas também como um período transitório da sexualidade. Segundo Rosqvist e Jackson-Perry (2020), pessoas autistas são menos propensas a se conformar às pressões

sociais para "se comportar" sexualmente de certa maneira, sendo mais propensas a expressar identidades e comportamentos sexuais alternativos.

### *Categoria- 1.3 Desejo amoroso e sexual*

O desejo amoroso e sexual foram ambos apontados como parte do campo da sexualidade, podendo ser desenvolvidos como decorrência de um relacionamento social, e posteriormente se tornar um relacionamento amoroso e/ou sexual.

**P: A ♂ (Vídeo 1):** Eu sei pela minha experiência de vida, com a parte afetiva, eu sempre quis uma menina que fizesse isso, escutasse assim como eu escutaria ela. [...]No meu caso eu não estou namorando atualmente, mas eu pretendo com o tempo ai fomentar uma estratégia, que nasça de uma amizade, de uma cumplicidade, de um compartilhamento de visões, para daí sim a gente evoluir pro cenário, pro campo amoroso, e pro campo porque não falar da sexualidade, porque essa é uma das formas de se expressar a sexualidade.[...] quem sabe nós tenhamos uma conversa muito abrangente antes, e ai desenvolvamos o amor que venha nascer de muitas outras conversas.

Ainda, o ato sexual foi relatado por um participante como algo não essencial, apesar de expressar que seja algo favorável.

**P: B ♂ (Vídeo 5):** Então, é a mesma coisa assim de um bolo de cenoura, eu gosto de bolo de cenoura, só que bolo de cenoura com chocolate é muito mais gostoso, só que se não tiver o chocolate também é gostoso, a minha vida é o bolo de cenoura, e o sexo é o chocolate. Então ele não é essencial para eu me alimentar e viver bem, mas quando tem ele é bem legal

Pode haver também maior interesse e facilidade com o ato sexual em si, porém, outras interações que se manifestam pelo órgão do sentido, como: o beijo e o abraço podem ser menos frequentes, e também necessitam ser dialogados com o parceiro para a compreensão de momentos apropriados para expressão desses comportamentos.

**P: G ♀ (Vídeo 16):** Pelo contrário, eu gosto do sexo, eu gosto muito de sexo, mas eu não gosto muito de afeto, eu não sou carinhosa, muito carinhosa, no aspecto de abraço, de beijo, só quando eu sinto vontade, quando eu sinto vontade eu sou muito carinhosa, mas isso não é com frequência, tem que saber a hora.

Quanto as primeiras manifestações de sexualidade na infância/adolescência podemos observar a diversidade de expressões da sexualidade, sendo possível identificar uma vivência na qual havia um maior interesse em vivenciar a sexualidade, enquanto a outra vivencia

demonstra um menor interesse no campo da sexualidade, não sendo o principal foco de interesse naquele momento.

**P: F ♀ (Vídeo 15):** Então gente, é aqui no canal eu já fiz alguns vídeos falando da minha infância, da minha adolescência, então eu sempre fui muito, eu gostei muito de namorar, mas não namoro convencional, eu gostava na verdade de beijar na boca, e ser feliz (dá risada).

**P: J ♂ (Vídeo 20):** Então é, no meu caso, eu nunca é, tive tanto interesse é, fascinado como percebia que algumas pessoas tinham, então assim, então assim, é fascinado pela sexualidade, é, eu tinha isso como normal mas não era o assunto que eu queria né, tinha outros assuntos, outras preocupações, então não me preocupava com, com isso.

O relato trazido por P: A ♂ (Vídeo 1); P: F ♀ (Vídeo 15); P: J ♂ (Vídeo 20), demonstra que a pessoa autista tem sim desejo amoroso e sexual, e que esse desejo pode se manifestar de diferentes maneiras em cada indivíduo. O desejo amoroso e sexual foi encontrado na literatura em outras pesquisas (BRILHANTE *et al*, 2021; DEWINTER *et al*, 2013; LOPES *et al*, 2018), e a experiências e expressão da sexualidade também foi relatada como sendo algo plural (SOLOMON, 2013).

Yew *et al* (2021), explicam que a intimidade física é favorável dentro do relacionamento e a satisfação sexual está positivamente associada à satisfação no relacionamento como relatado por P: B ♂ (Vídeo 5), não é essencial para ele, porém é algo positivo. Já sobre a questão sensorial trazida por P: G ♀ (Vídeo 16), a dificuldade de modular a entrada sensorial pode resultar em hipersensibilidade, tornando o toque físico desagradável (BYERS, *et al*, 2012). A desregulação sensorial, associada a dificuldades de comunicação com seus parceiros pode resultar em experiências desagradáveis, por isso é importante a comunicação e negociando com parceiros (YEW *et al*, 2021).

## **Eixo 2 - Relatos sobre a sexualidade no que se refere ao outro: relacionamentos sociais, sexuais e/ou amorosos**

O eixo reúne relatos sobre como se dão os relacionamentos sociais, amorosos, afetivos e sexuais da pessoa autista. O eixo se ramifica em quatro categorias: Dificuldades relacionadas às habilidades sociais; Influência de características típicas do TEA; Configurações de relacionamentos; Expectativas com relação ao outro.

### *Categoria 2.1- Dificuldades relacionadas às habilidades sociais*

O déficit em habilidades sociais que as pessoas com TEA podem apresentar foi bem pontuado por alguns vídeos. Apontaram a dificuldade em entender toda a linguagem não-verbal, como o contato visual e as interações gestuais. Essa dificuldade ainda pode ser correlacionada como uma dificuldade na hora de se relacionar com uma pessoa neurotípica. Outro fator que pode representar uma dificuldade na hora das interações sociais com pessoas neurotípicas, é a necessidade por parte da pessoa com TEA de uma comunicação mais direta. Fatos esses que podem ser observados nos trechos a seguir:

**P: A ♂ (Vídeo 1):** Acontece que pelo prejuízo social que o autista tem, principalmente no contato visual e no caráter gestual, acaba ficando mais complicado dele passar essa impressão, e também fica mais complicado de ele se aproximar de seus pares [...] O autista também tem dificuldade em compreender as mudanças de contextos súbitas, e talvez numa conquista amorosa isso falha bastante.[...] Não é um assunto fácil de falar, é um assunto particular, como eu disse, eu vou precisar muito estudar o que quer de mim uma pessoa que esteja afim, né geralmente as pessoas deixam no ar alguns gestos que eu não capto. Então se torna muito difícil, além de não me aproximar, não me aproximar, eu não capto essas nuances no ar, por causa da questão de olhar para pontos fixos.

**.P: B ♂ (Vídeo 3):** [...] é muito difícil, você aprender que aquela pessoa olhando para você, aí ela vira pro lado, depois ela olha para você disfarçadamente, vira pro lado, aí ela olha para você, aí olha para baixo, finge que não tá vendo. Que tudo aquilo é um flerte, é um jogo de sedução, como o autista não percebe isso, ele só vê uma pessoa fazendo assim (exemplifica movendo a cabeça nas direções que disse ) certo?.

**P: B ♂ (Vídeo 5):** Porque Asperger geralmente pode ser considerada uma pessoa burra, e burra e lerda pra caralho, porque a gente não entende vocês, a gente não entende, você tá dando mil sinais do que tá acontecendo, e a gente não entende o que tá acontecendo. Então para você que não entende isso que eu cabe de falar agora [...] A gente não entende os sinais e o contexto do que tá acontecendo, então as vezes o Asperger que tá com você, e você já beijou, já transou, você um dia olhou para ele falou “Nossa, eu prezo muito pela nossa amizade”, até hoje ele acredita que seis são amigos. Entendeu, por causa disso que você falou á sei lá, quatro anos atrás, e ele lembra disso, e isso é impressionante, tá, porque ele lembra disso e esse relacionamento tá baseado nisso que você falou. Então as vezes a culpa de não tá tudo certo no relacionamento é sua, porque você colocou ali um título pra aquele relacionamento e a pessoa tá seguindo isso.

**P: D ♀ (Vídeo 10):** Outra coisa interessante de compartilhar é que apesar de que quase metade das pessoas com autismo não terem nenhum tipo de deficiência intelectual e nem na fala, na linguagem, os nossos sintomas tipo, os que eu falei: como o déficit em habilidades sociais, a hipo-hiper sensibilidade auditiva, e os comportamentos repetitivos. A dificuldade que a gente tem em ver a perspectiva do outro, em entender as nuances, as entrelinhas, tudo isso é são dificuldades, são coisas, são características né, que se transformam em dificuldades na hora relacionar com outras pessoas. Porque muito do flerte e do jogo do romantismo é não verbal, e a gente tem muito dificuldade com isso. Principalmente na época da puberdade, quando é, as nossas demandas sociais vão sendo despejadas na gente com mais velocidade do que a gente vem aprendendo de habilidades sociais. Então existe um emaranhado de coisas que a gente tem que lidar, e se relacionar romanticamente, pode ser um desafio maior, e pode preocupar alguns pais.

**P: F ♀ (Vídeo 12):** Então você não entende a feição, então as vezes a pessoa tá te paquerando você não percebe, a pessoa tá caindo matando, te mandou assim todas as indiretas diretas, e você não percebe.

**P: B ♂ (Vídeo 7):** A gente é muito lógico né, os autistas, Aspergers, a gente tem uma lógica que a gente por exemplo não entende a indireta, tipo “Se toca aí”, é...eu to tentando explicar pra vocês que a gente não entende essas nuances de informação que as outras pessoas captam rápido. A gente não consegue captar bem tá, [...].

**P: I ♂ (Vídeo 19):** E bem, apesar de hoje em dia, eu julgar que não tenham grandes problemas em se manter relacionamentos, eu vejo que eventualmente eu tenho problemas que são é, bem intensos e que eles não são nada típicos. Pode ser por exemplo, que ao conhecer alguém, uma nova pessoa, eu não goste do último botão da camiseta que aquela pessoa está usando e aquilo me causa uma sensação ruim, e essa sensação ruim fica associada com a imagem da pessoa. E bem, eu como ser humano racional, tento desassociar os dois sentimentos e entender que aquela pessoa pode sim ser uma pessoa legal, independente do sentimento que ela está associada a com, por causa do botão. E me permito ali uma segunda, e uma terceira vez ter mais interações com ela, e conhecer ela também como pessoa, dessa forma possivelmente mantendo novos relacionamentos.

Nessa categoria o participante P: A ♂ (Vídeo 1) relata dificuldade em modular o comportamento para se adequar “as mudanças súbitas de contexto”. P: A ♂ (Vídeo 1) P: F ♀ (Vídeo 12) e P: B ♂ (Vídeo 3) relatam dificuldade em entender as expressões faciais no momento do flerte. P: B ♂ (Vídeo 5 e 7) comenta sobre a necessidade de uma comunicação direta na hora de expressar de expressar sentimentos e emoções dizendo “A gente é muito lógico”. Os participantes P: A ♂ (Vídeo 1), P: B ♂ (Vídeo 3), P: D ♀ (Vídeo 10), P: F ♀ (Vídeo 12) relatam dificuldade em entender a comunicação não verbal.

Vieira (2016) entende que as habilidades sociais são um dos maiores obstáculos para o desenvolvimento da sexualidade de indivíduos com TEA. Soares *et al* (2021) classificam como as principais dificuldades de interação social para desenvolver relacionamentos são: comunicação verbal e não verbal, expressar sentimentos e emoções, prever o estado mental e expressões faciais de outras pessoas, começar ou manter uma conversa, compartilhar seus interesses, ou modular o comportamento para se adequar ao contexto.

Essas dificuldades que pessoas com TEA possuem podem estar associadas com a menor interação com pares e amigos. Em contrapartida pessoas neurotípicas, possuem recursos para compensar a ineficácia deste aprendizado por outros meios. Já pessoas autistas precisam passar por um processo preciso para entender o impacto de normas sociais e habilidades românticas (OTONNI *et al* 2021; STOKES *et al*, 2005;).

Em artigo Lewis *et al* (2020), descreve, que vários participantes têm dificuldade em entender as normas sociais sobre namoro, e em especial normas que diferem da cultura de namoro heterossexual. Uma vez que esses indivíduos frequentemente observavam e espelham os comportamentos sociais como uma estratégia nos seu próprios relacionamentos. A falta de modelos e representatividade de namoro na comunidade LGBTQ + .

Sobre o desenvolvimento de habilidades sociais é preciso salientar que pessoas autistas podem utilizar da compensação (*masking* também é um termo utilizado) como uma maneira de mascarar suas características, entretanto essa prática pode gerar ansiedade em indivíduos com TEA. (CHAPMAN, 2020). Adultos autistas que vivenciam mais estresse minoritário, incluindo mascaramento, discriminação e estigma internalizado, também experimentam pior saúde mental. (LIVINGSTON *et al* 2019). Dessa forma se faz necessário um programa de educação sexual voltado para o treino de habilidades sociais, mas que respeite o jeito autista de ser.

Nesse sentido, programas de educação que fornecem ao autistas uma educação sobre sexualidade e relacionamentos íntimos, bem como habilidades de comunicação, podem ser úteis (YEW *et al*, 2021). Otonni *et al* (2021), propõem que um programa interventivo respeitoso e inclusivo deve considerar as particularidades e necessidades de pessoas com TEA, e isso significa que o próprio público-alvo do programa deve escolher as habilidades e os conteúdos a serem abordados em seu processo educativo. Já a sociedade por outro lado deve

### *Categoria- 2.2 - Influência de características típicas do TEA*

Nessa categoria os participantes expressaram como características típicas do TEA podem influenciar na hora de se relacionar sexualmente e/ou afetivamente com alguém.

**P: D ♂ (Vídeo 10):** os nosso principais sintomas como o déficit em habilidades sociais, a hipo-hiper sensibilidade auditiva, e os comportamentos repetitivos, eles podem ser um barreira invisível na hora de se relacionar romanticamente ou sexualmente com alguém.

**P: F ♀ (Vídeo 12):** Acontece que muitos autistas eles ficam numa dualidade né, eu na verdade, eu tive uma dualidade é...em relação a ser santa ou puta (da um sorriso e ri neste momento). Gente eu, eu vou falar aqui um linguajar popular né, então eu tinha, eu comecei a desenvolver um transtorno de personalidade histriônica, que é uma personalidade que é voltada apenas para o sexo, ele é, você quer né, atacar o objeto de desejo. Então você geralmente tem uma pessoa é...que você quer, ou você quer para subir no emprego, ou você quer porque você quer, você achou gostoso, interessante, você quer, ou de repente porque a pessoa te deu fora e você quer conquistar e depois jogar fora. Infelizmente a personalidade Histriônica é isso, e sempre usando a sexualidade, quer chamar a atenção pra é usar a sexualidade aí

para conseguir as coisas, e do outro lado eu autista, ou seja, eu não queria chamar atenção, mas ao mesmo tempo eu gosto de ser livre.[...] E eu vivia na dualidade, porque eu queria chamar atenção, então eu pegava no pé, eu queria sexo, sempre, e eu ao mesmo tempo eu autista não queria, então eu vivia uma dualidade né, um bom tempo, eu fiquei em conflito, e isso me desgastou imensamente.

**P: I ♂ (Vídeo 19):** Bem, toda pessoa com TEA em algum nível tem uma dificuldade em se manter e entender relacionamentos, mas quais são exatamente essas dificuldades, bem as dificuldades podem ser infinitas é claro.

May, Pang e Williams (2017) apontam que algumas características como: déficits sociais e deficiência nas habilidades de comunicação verbal e não verbal, bem como comportamentos repetitivos, incluindo interesses fixos afetam a capacidade de formar e manter relacionamentos com outros. Em pesquisa Soares *et al* (2021) indivíduos com TDAH e TEA podem ter dificuldades relacionadas aos relacionamentos românticos, seja para iniciá-los ou mantê-los. Os autores ainda falam sobre pessoas com TEA terem menos parceiros românticos quando comparados a indivíduos tipicamente desenvolvidos, e parecem ter menos exposição a qualquer tipo de relacionamento.

### *Categoria - 2.3 Configurações de relacionamentos*

Sobre configurações de relacionamento, tanto relações monogâmicas como abertas, poliamorosas, foram citadas como parte da sexualidade da pessoa autista; foi também apontado que essas configurações não são estáticas e podem estar em constante mudança. Quando dentro de um relacionamento monogâmico, caso a pessoa autista esteja em um relacionamento estável, foi explicado que dificilmente ela procurara outros parceiros.

**P: B ♂ (Vídeo 5):** Então como a gente é 8-80, é mais ou menos assim [...] Então resumindo é mais ou menos assim, ou a pessoa tá com você, e somente com você, ou a pessoa tá com você e com várias outras pessoas também, é mais ou menos nesse ponto que eu acredito que acaba rolando, tá. Tipo ou ela tá numa relação monogâmica ou ela tá numa relação poligâmica, é assim que vai funcionar, tá okay, então tudo isso depende se como você tá se relacionando com essa pessoa que é Asperger. Mas o Asperger geralmente, ele é tipo um pinguim, quando ele tá com uma pessoa, ele tá realmente com aquela pessoa, e se ele tá feliz naquela relação se ele tá satisfeito, se ele tá equilibrado tudo ali, você não precisa se preocupar porque essa relação não vai escapar pela tangente, e você vai acabar sendo traído ou traída, tá. Agora uma das coisas que eu vejo em alguns Aspergers também, é que eles são abertos a ter um relacionamento poligâmico assim, ele, a poligamia é tranquilo para eles, eles conseguiriam até ter um relacionamento aberto, “Aaa to namorando mas eu transo com pessoas aqui, ela transa com pessoa ali”. Então é um desapego, que eu acredito que só quem tem Asperger consegue ter, tá.

**P: B ♂ (Vídeo 8):** Casamento é um bagulho muito louco, cada um se adapta como dá, aí cada um se adapta com que é mais fácil entendeu, eu por exemplo, eu sou um

cara monogâmico, eu já percebi que essa tendência pra mim ela é boa. Mais é, eu não conseguiria ter duas esposas, mas eu também não me vejo só tendo um relacionamento poligâmico, então eu to sempre em mutação, todo dia é, a gente ta mudando de ideia, todo dia a gente ta se descobrindo. Todo dia você ta percebendo que a sua vida ela tá A, a mas ela podia ser B, ou ela podia ser um pouco mais B do que A, ela podia ser ABC, cada um descobre a formula para sua vida, então vamo parar de elevar o padrão de casamento pra frente, porque hoje em dia isso caiu. As pessoas estão mais focadas na própria felicidade, e elas fazem o que é melhor para elas, e muitas vezes deixam o que é melhor pras outras pessoas de lado, e eu decidi fazer isso.

A sociedade é pautada por regras fundamentadas na heteronormatividade, no patriarcado e nas relações monogâmicas. Essas regras ditam como devemos nos envolver tanto de forma afetiva como sexual. E por serem as configurações dominantes é nos ensinado a seguir essas regras a fim de conviver em sociedade (ALMEIDA, 2021). Por isso é importante dar visibilidade as relações múltiplas que acabam sendo marginalizadas pelas configurações dominantes. A visibilidade das configurações de relacionamentos não monogâmicos permite a inclusão das relações múltiplas consentidas nas discussões sociais. (PEREZ, PALMA, 2018)

Sobre o tema, as relações monogâmicas, trazido por P: B ♂ (Vídeo 5 e 8), pessoas com TEA não compreendem regras sociais implícitas (CAGEA, BIRD, PELLICANO, 2016; OTTONI, MAIA, 2019; STOKES et al, 2005), isso corrobora para a naturalização das questões relacionadas com a sexualidade (ROSQVIST, JACKSON-PERRY, 2020). Logo pessoas com TEA podem estar abertas a vivenciar diversas configurações de relacionamento, e por isso se faz necessário que pessoas com TEA que não vivenciem relacionamentos fundamentados na heteronormativos e monogâmia participem e ocupem espaços de discussão a fim de enriquecerem a discussão sobre autismo e relacionamentos.

#### *Categoria- 2.4 Expectativas com relação ao outro*

Em dois relatos sobre as expectativas com relação ao outro traz a questão do indivíduo que se relaciona com um pessoa com TEA não ser somente um parceiro amoroso, mas também um referencial.

**P: A ♂ (Vídeo 1):** E aí uma parceira amorosa, um parceiro amoroso, fica sendo bem mais do que uma simples namorada, um simples namorado, porque acaba sendo um caminho pro autista seguir, tá.

**P: F ♀ (Vídeo 12):** Porque a pessoa ela pode te ajudar é, ela pode te conduzir sabe, ela pode ir te mostrando, falando assim ó “Que que você acha da gente ficar em casa hoje, agente fazer isso, fazer aquilo”, e você vai entendendo como a coisa

funciona né. Lógico que tem pessoas que são super tranquilas, tem autista que já sabe o caminho das pedras né, eu realmente custei a entender,

Um dos participantes salientou a importância de o parceiro comunicar a pessoa com TEA seus interesses para com ela.

**P: B ♂ (Vídeo 5):** Então, sabe nos mínimos detalhes explica para essa pessoa que você sente e pede para ela decidir entre sim ou não, e a melhor coisa que você pode fazer com uma pessoa que tem Asperger.

A tomada de iniciativa foi trazida como uma das expectativas que a pessoa com TEA tem do parceiro. Foi explicado também que a tomada de iniciativa por parte do parceiro pode ser um facilitador na hora de iniciar uma relação sexual/afetiva.

**P: J ♂ (Vídeo 21):** então esteja aberto a tomar uma iniciativa. [...]você pode facilitar a situação tomando iniciativa, quando quer que algo aconteça, seja flertar ou beijar, ta. Então as vezes você espera essa iniciativa dele, isso não acontece, é importante você saber disso é, conversar com ele antes de conversar sobre o autismo com outras pessoas,[...]

Foi relatado também a importância de o parceiro compreender as necessidades da pessoa com TEA, e como as características típicas do transtorno podem impactar diretamente em várias questões diárias e acabar sendo inclusive desafios para a pessoa autista. Ainda foi dito que é esperando que o parceiro se atente a saúde mental, e que a aceitação e o amor são importantes.

**P: J ♂ (Vídeo 21):** E pergunta sua namorada, seu namorado com respeito as necessidades dele, então verifica, toda pessoa autista é diferente então você, então você vai trabalhar, você vai trabalhar com essas diferenças, e é importante você ver esses desafios né, fazer alguma pergunta pra ele, pra entender melhor os desafios, preferencias, isso fará com que tenha mais consideração pelas necessidades dela ou dele. Então pergunta se você quer saber mais sobre com que ele está enfrentando, o que que ele ta passando, quais são os desafios por causa do autismo, então é importante isso, e é...e as pessoas com autismo elas podem apresentar ansiedade, depressão e outros distúrbios. Então é importante você conhecer melhor né, sua namorada, seu namorado, e elas tem uma maior, é uma maior probabilidade, então é importante você saber sobre tudo isso. [...] Então dê a ele bastante apoio, consolo, especialmente em seus dias ruins, encoraje-os a buscar ajudar né, de alguns sinais de depressão, pensamentos suicidas, aceito pelo que ele é, o autismo é uma parte das experiências, da personalidade, da vida do seu namorada, do seu namorado. Isso não mudará, então amo incondicionalmente com autismo e tudo, tá, então é importante aceitar e pra amar,[...].

Nos relatos apresentados pelos participantes observou-se a importância de o parceiro estar atento aos impactos que características típicas do TEA podem ter na hora da pessoa autista se relacionar. Vários fatores relacionados aos parceiros de indivíduos autistas também desempenham um papel na iniciação e manutenção de relacionamento romântico. A comunicação entre casais também tem sido amplamente vinculada à satisfação no relacionamento de longo prazo em estudos populacionais em geral, incluindo suporte emocional e prático (YEW *et al.*, 2021)

### **Eixo 3 - Vivências de educação sexual**

Nesse eixo foi possível reunir dados sobre a educação sexual na família, escola, profissionais e outras redes da pessoa autista.

#### *Categoria 3.1 Experiências com familiares*

A família foi apontada como importante e fundamental no entendimento da sexualidade das pessoas com TEA, para desenvolvimento pleno e integral podendo dar um direcionamento sobre o tema.

**P: A ♂ (Vídeo 2):** [...] eu acredito que vocês pais e mães, colegas também dos autistas possam ter um aspecto fundamental no entendimento da sexualidade. E assim o autista vai se desenvolvendo plenamente e integralmente, lembrando que a sexualidade vai vir mas ele vai dar o direcionamento que ele melhor entender nos momentos em que ele melhor entender.

A família também é citada como fonte de esclarecimentos dos assuntos relacionados a sexualidade. Ressaltam que as informações sobre a sexualidade precisam ser claras e coerentes para não causar confusão.

**P: E ♂ (Vídeo 11):** [...] a gente acaba dependendo muito, é... da família, do apoio e as vezes isso tenha uma certa dificuldade, e não é falado de maneira clara e coesa [...] vamos falar daquela fase da adolescência, chegada da pré adolescência, vamos falar da pré adolescência, chegar “Mamãe da onde vem o bebê?” e a mamãe falar que vem da cegonha, e chega numa outra pessoa e pergunta “Da onde vem o bebê?”, e a pessoa fala do ovo, por incrível que pareça tem pessoas que falam que vem do ovo. “Da onde vem o bebe?” “Aaa, o Papai Noel trás”, olha que complicado, que complexo, as coisas se transforma na cabeça dessa criança, ela tem várias questões, ela não entende, não se fala de sexualidade. Então o grande problema, não é a criança não entender, é como que é falado e as pessoas quando falam, não de sexualidade, falam de outros assuntos, e ela pega mensagens e abordagens paralela de outros assuntos.

Lembram ainda, que a família pode servir como proteção para relações abusivas e ser rede de apoio para conselhos e prevenção de abusos. A ingenuidade pode colocar em risco e exposição a abusos e violências.

**P: A ♂ (Vídeo 2)** [...] Nunca deixar que outra criança, outra pessoa mal intencionada passe a mão ou se aproveite sexualmente das pessoas, porque isso configura uma situação abusiva, então pais e mães de crianças autistas, principalmente, na minha opinião agora, os não verbais, precisam fazer com que as crianças entendam que precisa se proteger, tá ? Agora sim eu tomo a liberdade de ser um pouco mais subjetivo, comigo eu sentia essa ameaça constante no ambiente, então minha mãe e meu pai vieram e disseram “Marcos nunca deixe que alguém te toque, nunca deixe que alguém se aproveite da sexualidade do modo como tua vez, para te causar mal, sempre venha nos avisar, ou avise o teu irmão, porque ele é mais velho, e ele conhece dessas nuances, então ele pode te ajudar”. E de fato, eu fui muito ajudado, muito aconselhado também a participação fundamental dos meus tios e tias nessa parte, foi assim providencial para mim.

**P: K ♀ (Vídeo 22)** [...] Porque a ingenuidade pode colocá-los em situações de risco e exposição a abusos, violência e até mesmo a gravidez, esteja junto, você conhece seus filhos melhor do que ninguém, e sabe bem até onde vai a sua capacidade de compreensão sobre o que e como isso deve ser falado. Na dúvida, peque pelo excesso, mas prefira que eles sempre na, vão a banheiros públicos acompanhados, inclusive na escola, porque assim, todo cuidado é pouco quando se trata da preservação da saúde física e mental dos nossos filhos. Não tenha medo, não sinta vergonha, fale sobre si, e se envolva com os sentimentos dos seus filhos, a troca de confiança é o que mais torna possível o crescimento da família como um todo.

A família tem um papel importante de observar o namoro e alertar sobre a possibilidade de uma decepção amorosa e que de forma alguma deve impor ou proibir algo e sim abrir-se ao diálogo.

**P: J ♂ (Vídeo 21):** [...] Só que tem ter todo esse cuidado que nós indicamos né dos pais de observarem né, de não sofrer o autista, não ter esses problemas, então isso é muito importante tá...é observar.[...] E aí, o que que acontece, é...então tem que ter um cuidado com autista nesse sentido, porque é preciso é observar muito né, é preciso quando seu filho você perceber que ele está namorando então começar não intervir, não deixar perceber, mas observar nécom. É importante observar pra ver que ele está namorando, pra que não tenha nenhum perigo de ele sofrer uma decepção, porque nós sofremos muitas é, é, é decepções nesse sentido de imaginarmos a perfeição, de imaginarmos aquela moça do conto de fadas. É importante realmente você observar seu filho, perceber o namoro, não é se impor, proibir de forma alguma, mas sim você acompanhar para ver se tem alguma dificuldade, e aí poder auxiliar.[...] . Então uma série de consequências, nessa relação amorosa por conta desse conto de fadas, dessa imaginação, então é isso que tem que tomar um certo cuidado, então observar o filho é importante, e também conversar, ter um dialogo, pra poder é, não deixar que esse autista também sofra com esse relacionamento né. Que ele não tenha essa decepção, como a maioria né acontece.

Houve o relato em um vídeo sobre o diálogo a respeito da sexualidade conforme foi havendo uma transformação, expressão da sexualidade e desenvolvimento do corpo e não repressão em público.

**P: J ♂ (Vídeo 20):** A minha experiência né, mas eu não tive nenhum caso assim de ser chamado atenção em público, é, e meus pais sempre, assim, começaram a perceber né, transformação do corpo, transformação do já da sexualidade começaram a conversar um pouquinho né, como funcionava. Então eles começaram a trabalhar isso, mas depois que eles perceberam algumas alterações né, que, que passava né, até a masturbação, então era natural né, começava a ter alguns gestos né, então não era inadequado, mas não chamava atenção não, mas ele conversavam bastante comigo a respeito.

Os relatos trazidos pelos participantes demonstram como a família é primordial no ensino da educação sexual, Urbano *et al* (2013) entende que a educação sexual será mais eficaz em um formato de apoio que inclua a família do indivíduo e seus valores e origens particulares

Vieira (2016) ressalta a emergência do atendimento voltado às famílias de pessoas com TEA, e que a educação sexual deve ser feita sem infantilização e que possibilite a autonomia dos filhos, sendo dever também de professores e profissionais da saúde auxiliarem nesse processo. Ainda acrescenta que é importante o entendimento da sociedade como um todo sobre o assunto, e que para auxiliar na quebra dos preconceitos ligados a sexualidade as possibilidades de propagação da informação são: livros, cartilhas, reportagens. A fala de P: A ♂ (Vídeo 2) fala justamente sobre como a educação sexual parental deve proporcionar autonomia para a pessoa autista.

A vulnerabilidade a situações de violências entre as pessoas com TEA/SA aparece em muitos estudos, ressaltando as ocorrências de abusos sexuais, violências e bullying (OTTONI, MAIA, 2019). Além disso, a comunicação da sexualidade entre pais e filhos desde cedo é benéfica e evita riscos, como abuso sexual, gravidez, falta de conhecimento sobre seu corpo e mudanças nas fases de transição, como a adolescência e experiências eróticas (masturbação). (ANDRÉ *et al*, 2020). A educação sexual parental foi trazida como um importante fator para manter a pessoa autista segura por P: A ♂ : (Vídeo 2) P: K ♀ (Vídeo 22)

P: E ♂ (Vídeo 11); P: J ♂ (Vídeo 20 e 21) ressaltam a importância do diálogo assertivo, claro e coeso dos pais e cuidadores ao falar sobre a sexualidade. Lawson (2017) pontua que o pais precisam conversar com seus filhos sobre o tema sexualidade, e idealmente essas conversas devem acontecer cedo, com frequência e sem julgamentos. Ainda acrescenta

a necessidade de uma educação sexual factual, usando os termos corretos para rotular partes do corpo, pois pessoas autistas necessitam da linguagem apropriada e não de gírias (figuras de linguagem). Porém é importante que se explique as gírias que podem ser atribuídas em momentos de interação social.

### *Categoria 3.2 Ações escolares*

A educação sexual na escola para a pessoa com deficiência foi apontada como omissa e inexistente. A temática sexualidade e mudanças corporais e de comportamento não são oportunizadas nesse ambiente. Ainda, foi citado que falta domínio teórico sobre o assunto para auxiliar na educação sexual.

**P: C ♀ (Vídeo 9):** E a pessoa com deficiência de qualquer tipo, ela dificilmente vai ter uma educação sexual, dificilmente nas escolas vai ter algo especificamente para lidar com essa, esse tema. Pessoas com deficiência elas não tem a oportunidade de terem acesso a instruções sobre sexualidade e as mudanças que ocorrem no corpo e no comportamento [...] Estudos apontam que professores não tem um domínio teórico para auxiliar na educação sexual de pessoas com deficiência, [...]

Perante o tema educação sexual desse público, Loftin e Hartlage (2015) apontam que muitos indivíduos com TEA não receberam educação e tratamento adequados necessários para atender as necessidades básicas de saúde sexual, seguindo as diretrizes da OMS, mas afirmam que a educação sexual para pessoas com TEA é benéfica e necessária.

Sobre a sexualidade de pessoas autistas, Ottoni e Maia (2019) exemplificam que, em nossa sociedade, a sexualidade e seus aspectos são tratados como algo aprendido “naturalmente” por crianças neurotípicas. Entretanto, uma análise cuidadosa demonstra que essa aprendizagem ocorre de maneira informal, por meio de uso de figuras de linguagem, como metáforas – que são, justamente, uma dificuldade de pessoas com TEA. A não formalização do ensino de sexualidade pode corroborar para a dificuldade do desenvolvimento devido a não compreensão regras sociais implícitas e habilidades sociais.

Lawson (2017) fala sobre importância do suporte escolar as famílias, para que haja consistência entre a casa e a escola. Às vezes, os pais e as famílias ficam desconfortáveis com determinadas questões e deixam a escola responsável por falar de certos temas do campo da sexualidade. Embora não seja o ideal, se faz necessário que as escolas criem estratégias para enfrentar esse desafio a fim de manter as crianças seguras. Uma vez que manter as crianças seguras faz parte da educação escolar.

### *Categoria 3.3 Apoio de profissionais*

Os profissionais da Psicologia foram identificados como importante para orientações sobre sexualidade e apoio tanto para a pessoa autista como seus familiares. Isso pode ser observado em dois trechos do vídeo 20:

**P: J ♂ (Vídeo 20):** [...] Aí entra também a importância da psicoterapia, importância do psicólogo, como profissional, porque o psicólogo ele vai conversar com essa criança, com esse paciente, e é importante o paciente também se identificar com o psicólogo pra poder abrir, trabalhar em determinados assuntos como esse. Levar esse assunto na psicoterapia, levar esse assunto para o psicólogo, e também é importante não só passar por psicoterapia, o, o, autista, mas também os pais dos autistas, porque é importantíssimo os pais trabalharem é, é, trabalharem também a personalidade, trabalhar as dificuldades. E, é buscar sempre a ajuda necessária através de psicólogos, psicoterapeutas, isso é fundamental né, é importante também aí os pais buscarem essa psicoterapia, ou passar por terapeutas pra tá ajudando a lidar também, não só com as questão da sexualidade, mas também com outros temas.

**P: J ♂ (Vídeo 20):** [...] E eu lembro que quando eu passei na adolescência no psicólogo, foram poucas sessões, mais uma das primeiras na adolescência que é especializado nisso, foi trabalhado mesmo a questão da parte sexual, parte da masturbação, tudo isso foi conversado também na, naquela época, colocado na, na, sessão de psicoterapia.

Visto que os profissionais da psicologia foram trazidos por P: J ♂ (Vídeo 20), é interessante ressaltar algumas das considerações trazidas por Yew *et al* (2021) sobre profissionais da psicologia no contexto clínico com enfoque a sexualidade com o paciente autista.

Os autores falam da importância de o psicólogo estar preparado para diagnosticar o autismo em adultos e a necessidade de ajuste na maneira como o terapeuta fornecerá suporte. Sobre o funcionamento social, caso a pessoa com TEA deseje desenvolvimento e manutenção de relacionamentos sociais podem ser útil uma recomendação e encaminhamento a programas de educação e enriquecimento de habilidades relacionais, que oferece treinamento de habilidades sociais bem como abordar temas relacionados a sexualidade. Também foi citado a educação sobre comunicação e capacidade de resposta do parceiro (incluindo tomada de perspectiva) podem ser úteis para casais. Ainda destacaram a importância de envolver os indivíduos autistas e seus parceiros em pesquisas e intervenções. (YEW *et al*, 2021)

### *Subcategoria 3.4 Internet como meio formativo*

O apoio de amigos foi citado também como importante em questões relacionadas à orientação sexual mesmo que indiretamente

**P: H ♀ (Vídeo 18):** [...] No final desse ano também conheci, pela internet, os melhores amigos que podia ter pedido, um dos quais me ajudou imensamente nas questões relacionadas com a bissexualidade, ainda que de forma indireta.

Pessoas com TEA podem ter dificuldades com interações sociais off-line, em situações como: compreensão comunicação não verbal, decodificando pensamentos e sentimentos, e respondendo rapidamente. Por isso, ambientes virtuais como as redes sociais, se usados de forma eficaz, podem oferecer um espaço para ampliar as oportunidades de envolvimento social contemplando as necessidades de adolescentes e adultos com TEA de uma maneira confortável. (VAN SCHALKWYK *et al*, 2017; WARD, DILL-SHACKLEFORD, MAZUREK, 2018; ZHAO, ZHANG, WU, 2019)

Gallup *et al* (2017) salienta o potencial de aprendizado para indivíduos com TEA ao se conectar com seus pares neurotípicos em um espaço virtual, pois permite a aquisição de habilidades sociais e o desenvolvimento de amizades. E como consequência aumentarão as interações off-line e o sucesso em ambientes educacionais. Adultos com TEA que usaram redes sociais relataram maior felicidade subjetiva do que adultos com TEA que não utilizaram (WARD, DILL-SHACKLEFORD, MAZUREK, 2018)

Grupos de apoio no Facebook fornecem uma plataforma eficiente para pessoas com TEA e seus cuidadores, pois pode ser um local de ajuda e suporte mútuo para seus usuários, além de poder compartilhar suas vivências e experiências. (ZHAO, ZHANG, WU, 2019). Porém é importante lembrar a necessidade de desenvolver intervenções on-line para adultos e adolescentes nas quais possam se envolver de forma efetiva, ativa, e equilibrada evitando ansiedade pelo uso indevido dos ambientes *online* (VAN SCHALKWYK *et al*, 2017).

## 6. CONCLUSÃO

Primeiramente é importante salientar que existem problemáticas que cercam o tema sexualidade e TEA, sendo elas envoltas de duas situações principais: a escassez de pesquisas e a marginalização do local de fala das pessoas com TEA. Dewinter *et al* (2013), por meio de uma revisão bibliográfica concluem que as pesquisas sobre sexualidade são escassas, e acrescentam que a maioria traz a perspectiva de pais/cuidadores, poucas questionam diretamente pessoas com TEA.

Os dados coletados neste trabalho, organizados inicialmente no eixo “Descrição de aspectos particulares da sexualidade de pessoas autistas” discutiu que a pessoa autista pode sentir a sexualidade de maneira particular e com características específicas relacionadas ao espectro, bem como a existência de desejo afetivo e sexual independentemente do TEA. Sendo um importante dado que vai de encontro com a literatura da área que fala que as pessoas com deficiência são assexuais e invalidam e invisibilizam pessoas com deficiência e LGBTQIA+, marginalizando-as ainda mais.

Sobre as questões específicas sobre a identificação LGBTQIA+ uma das hipóteses levantadas foi a de que se há maior identificação ou menor identificação de pessoas autistas com orientações não heteronormativas, esse fator em ambas as hipóteses foi justificado a partir da normalização da sexualidade por parte da pessoa autista. Além disso, nesse eixo também foi discutido sobre o desejo amoroso e sexual observa-se que a intersecção entre o espectro autista e o espectro da sexualidade produz vivências extremamente diversas, e que divergem de pessoa para pessoa.

No eixo “Relatos sobre a sexualidade no que se refere ao outro: relacionamentos sociais, sexuais e/ou amorosos”, o déficit em habilidades sociais que as pessoas com TEA podem apresentar foi bem pontuado por alguns criadores de conteúdo. Essa questão salienta a necessidade da criação de programas voltados ao treinamento de habilidades sociais para o público alvo da pesquisa, que respeitem (OTTONI *et al*, 2021; YEW *et al*, 2021). Outro dado importante foi a expectativa com relação ao outro, que demonstrou a importância também de pesquisas e intervenções voltadas à compreensão e aprimoramento dos relacionamentos desenvolvidos por essas pessoas com TEA e seus parceiros.

Sobre o eixo “Vivências de educação sexual”, ficou clara a importância dos pais, familiares, professores e outros profissionais no processo de educação sexual de indivíduos autistas, validando as diversas identidades dentro do TEA. Visto que, a identidade majoritariamente dominante é a neurotípica, ou seja, o ambiente e os contextos ainda são feitos para acomodar pessoas neurotípicas, se faz necessário uma educação sexual de fato diversa. (HILLIER *et al*, 2019). Além disso, observou-se a necessidade de as escolas oferecerem educação sexual realmente inclusiva.

Evidenciou-se, portanto, a necessidade de uma mudança social, na qual diversas identidades sejam valorizadas, e não somente as identidades dominantes, como: branquitude, capacitismo físico/mental, heterossexualidade compulsória e a cisgeneridade ao se abordar o tema TEA e sexualidade. E ao mesmo tempo é primordial serem ofertados serviços que

propõem a melhora da qualidade da vida sexual de pessoas autistas enquanto respeita e preserva o jeito autista de ser, e possibilita que elas sejam de fato ouvidas. (DEN HOUNTIG, 2018; EGNER, 2019; OTTONI *et al*, 2021).

Conclui-se que os dados coletados e analisados compõem importantes e informações a serem discutidas com pessoas com TEA/SA, bem como familiares, profissionais de apoio, cientistas da área e população interessada. Dessa forma apesar das limitações acredita-se que através dos relatos fornecidos pelos participantes, o presente trabalho possa auxiliar a embasar programas de educação sexual a partir da perspectiva de pessoas com TEA. Além de contribuir para a literatura da área da sexualidade, respeitando o ideal da Neurodiversidade, “*Nada sobre nós sem nós*”.

Sobre as fragilidades do trabalho, percebeu-se que a plataforma *Youtube* possa ser melhor explorada seus mecanismos de busca. Adicionalmente é importante buscar outros tipos de materiais, em outros idiomas, produzidos por pessoa com TEA, como: podcasts, blogs, livros, etc.

Como sugestão para estudos futuros é necessário reforçar a necessidade da participação de pessoas neurodivergentes com as mais diversas vivências em termos de gênero, orientação sexual, configurações de relacionamentos, escolaridade, localização geográfica e configurações familiares, bem como incluir outras faixas etárias. Também se espera o aumento no rigor de pesquisas qualitativas sobre o TEA, e uma abordagem neuroqueer, que é não patologizante e com enfoque na qualidade de vida dessa população.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. L. **Contribuições da psicologia social acerca da monogamia compulsória**. Faculdade Pitágoras de Venda Nova. Belo Horizonte. 2021.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2013.

ANDRÉ, T. G. MONTERO-VALDEZ. C. María Aracely Márquez-Vega<sup>2</sup> ·  
 Jesica Guadalupe Ahumada-Cortez<sup>1</sup> · Mario Enrique Gámez-Medina<sup>1</sup>. Communication

on Sexuality Between Parents and Adolescents with Autism Spectrum Disorder: A Systematic Review. *Sex Disabil* 38, p. 217–229. 2020. <https://doi.org/10.1007/s11195-020-09628-1>.

ARMSTRONG, T. **Neurodiversity: Discovering the Extraordinary Gifts of Autism, ADHD, Dyslexia, and Other Brain Differences**. 1 ed. Da Capo Press. 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1 ed. São Paulo: Edições 70. 2011.

BIALER, M. **A inclusão escolar nas autobiografias de autistas**. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, v. 19, n 3, p.485-492. São Paulo. 2015.

BRILHANTE, A. V. M. FILGUEIRA, L. M. A. LOPES, S.V.M. U. VILAR, N.B.S. 1 NÓBREGA, L. R.M. POUCHAIN, A. J. M.V. 1. SUCUPIRA, L.C. G. “Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 02, p. 417-423. 2021.

BYERS, E. S. NICHOLS, S. VOYER, S. D. REILLY, G. **Sexual well-being of a community sample of high-functioning adults on the autism spectrum who have been in a romantic relationship**. *Autism*, v. 17, i. 4, p.418–433. 2012. doi:10.1177/1362361311431950.

CHAPMAN, L. “Don't treat autistic people like they're a problem, because we're not!": An exploration of what underpins the relationship between masking and mental health for autistic teenagers. University College London. D.Clin.Psy Thesis (Volume 1), 2020.

CHAU, C. **New directions for youth development**. n.128. Wiley periodicals, INC. Published online in Wiley Online Library ([wileyonlinelibrary.com](http://wileyonlinelibrary.com)), 2010.

CRANE, L. SESTERKA, A. DEN HOUTING, J. **Inclusion and Rigor in Qualitative Autism Research: A Response to Van Schalkwyk and Dewinter**. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 51, 1802–1804. 2021. <https://doi.org/10.1007/s10803-020-04634-w>.

CURTISS, S. L. EBATA, A. T. Building Capacity to Deliver Sex Education to Individuals with Autism. *Sexuality and Disability*, 34(1), p. 27–47. (2016). doi:10.1007/s11195-016-9429-9

DEN HOUTING, J. **Neurodiversity: An insider's perspective**. *Autism*, 1 – 3. Sage Journals. Macquarie University, Australia. 2018.

DEWINTER. et al. **Autism and normative sexual development: a narrative review**. *Journal of Clinical Nursing*, 22, p. 3467–3483. John Wiley & Sons Ltd .2013.

EGNER, J.E. “The Disability Rights Community was Never Mine”: **Neuroqueer Disidentification**. *Gender & Society*. 33(1):123-147. 2019. doi:10.1177/0891243218803284  
FEINSTEIN, B. A. DYAR, C. **Bisexuality, Minority Stress, and Health**. *Current Sexual Health Reports*. v. 9, n. 1, p. 42–49. 2017. doi:10.1007/s11930-017-0096-3

FEINSTEIN, B. A. DYAR, C. **Bisexuality, Minority Stress, and Health**. *Current Sexual Health Reports*. v. 9, n. 1, p. 42–49. 2017. doi:10.1007/s11930-017-0096-3

FRANCO, Maria Laura Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2a edição. Brasília: Liber Livro Editora, 2005. (Série Pesquisa).

GALLUP, J. LITTLE, M. E. SERIANNI, B. KOCAOZ, O. **The Potential of Virtual Environments to Support Soft-Skill Acquisition for Individuals with Autism**. *The Qualitative Report*, v. 22, n. 9, p. 2509-2532. 2017. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2017.2973>

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. Editora Atlas S.A. São Paulo. 2002

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. Editora Atlas S.A. São Paulo. 2008

Arilda Schmidt Godoy.. **INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES**. Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63. Mar./Abr. 1995.

GOUGEON, N. A. MS Ed (2010) **Sexuality and Autism: A Critical Review of Selected Literature Using a Social-Relational Model of Disability**. *American Journal of Sexuality Education*, 5:4, 328-361, DOI: 10.1080/15546128.2010.527237.

HILLIER, A. GALLOP, N. MENDES, E. TELLEZ, D. BUCKINGHAM, A. NIZAMI, A. OTOOLE, D. **LGBTQ + and autism spectrum disorder: Experiences and challenges**, *International Journal of Transgenderism*. 2019. DOI: 10.1080/15532739.2019.1594484

KENNY, L. HATTERSLEY, C. MOLINS, B. BUCKLEY, C. POVEY, C. PELLICANO, E. **Which terms should be used to describe autism? Perspectives from the UK autism community**. *Autism*. 2016 May;20(4):442-62. doi: 10.1177/1362361315588200.

KISMODI, E, CORONA E, MATICKA-TINDALL E, RUBIO-AURIOLES E, COLEMAN E. **Sexual Rights as Human Rights: A Guide for the WAS Declaration of Sexual Rights**. 2017. *International Journal of Sexual Health*, In Press, Volume 29.

LAWSON, W.B. **Issues of Gender & Sexuality in Special Needs Children: Keeping Students with Autism & Learning Disability Safe at School**. *Journal of Intellectual Disability - Diagnosis and Treatment*, 5, 85-89, 2017.

LIVINGSTON, L. A. COLVERT, E.. **Good social skills despite poor theory of mind: exploring compensation in autism spectrum disorder**. *J Child Psychol Psychiatr*; 60(1): p. 102–10. 2019.

LOFTIN, R. L. HARTLAGE, S. A. **Sex Education, Sexual Health, and Autism Spectrum Disorder**. *Pediat Therapeut* 5, 2015.

MAIA, A. C. B. **Conceito amplo de sexualidade no processo de educação sexual**. *Psicopedagogia On Line*, v. 1, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/125065>>.

\_\_\_\_\_. **Inclusão e Sexualidade**: na voz de pessoas com deficiência física. Curitiba: Juruá, 2011.

MAIA, A.C.B. PASTANA, M. **Sexualidade e diversidade sexual na formação em psicologia**. *Revista Brasileira de sexualidade humana*. P. 83-90. 2018

MAY, T. PANG, K.C. WILLIAMS, K. **Brief Report: Sexual Attraction and Relationships in Adolescents with Autism**. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 47(6), p. 1910–1916. 2017. doi:10.1007/s10803-017-3092-6 .

MORENO, A. LAOCHC, A. ZASLERD, N. D. **Changing the culture of neurodisability through language and sensitivity of providers: Creating a safe place for LGBTQIA+ people**. *NeuroRehabilitation*, vol. 41, no. 2, pp. 375-393, 2017.

MOXON, L. **Autism Spectrum Disorder Relationships and Sexuality**. *Research Bulletin Issue*, N. 5. Centre for Autism Middletown. United Kingdom . 2011.

ORTEGA, F. **Deficiência, autismo e neurodiversidade**. Rio de Janeiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(1):67-77, 2009.

OTTONI, A. C. V. MAIA, A. C. **Considerações sobre a sexualidade e educação sexual de pessoas com Transtorno do Espectro Autista**. *Revista IberoAmericana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1265-1283, jul. 2019.

OTTONI, A. C.V. BORTOLOZZI, A.C. VILAÇA M. T. LEÃO, A. M. C. **Estratégias para a educação sexual de adultos com transtorno do espectro autista**. *Revista brasileira de sexualidade humana (RBSH)*. v. 32, n. 1, p. 78-85. 2021.

PEREZ, T.S. PALMA, Y. A. **Amar amores: o poliamor na contemporaneidade**. *Psicologia & Sociedade*, 30, e165759. 2018.

ROSQVIST, H. B.; JACKSON-PERRY, D. **Not Doing it Properly? (Re)producing and Resisting Knowledge Through Narratives of Autistic Sexualities**. *Sexuality and Disability*, 2020.

SANTOS, T. P. CARVALHO, G. M. **Assexualidade: orientação ou disfunção sexual?**. *Braz. J. Hea. Rev.*, Curitiba, v. 2, n. 4, p. 2709-2728, jul./aug. 2019.

SANTOS, V. K. **(As)Sexualidades-Processo de subjetivação e resistência**. Pontifca Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo. 2016.

SINGER, J. **NeuroDiversity: The Birth of an Idea**. 2016.

SOARES, L. S. ALVES, A. L. C. COSTA, D. S. MALLOY-DINIZ, L.F. PAULA, J.J. Marco Aurélio Romano-Silva<sup>1,2</sup> and Débora Marques de Miranda<sup>1,4</sup> \*. **Common Venues in Romantic Relationships of Adults With Symptoms of autism and Attention Deficit/Hyperactivity Disorder**. *Frontiers in Psychiatry*, v. 12, June 2021.

SOLOMON, A. **Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade**. Companhia das letras. 2013.

SPIEL, K. BRULÉ, E. NACKE, L, E. HARRER, S. GRENZFURTHNER, J. **Sex toys and neurodiversity**. Conference: Workshop on Design for Sexual Well-being. Part of the Conference Programme for CHI, Canada. 2018.

STOKES, M.A. KAUR, A. High-functioning autism and sexuality: A parental perspective. *Autism.*; v. 9, i. 3, p. 266-289. 2005 doi:[10.1177/1362361305053258](https://doi.org/10.1177/1362361305053258).

TINCANI, M. TRAVERS, J. **Sexuality Education for Individuals with Autism Spectrum Disorders: Critical Issues and Decision Making Guidelines**. *Education and Training in Autism and Developmental Disabilities*, 2010, 45(2), 284–293.

TOFT, A. **Parallels and Alliances: The Lived Experiences of Young, Disabled Bisexual People**. *Journal of Bisexuality*, v. 20, i. 2, p. 1–19. 2020.

URBANO, M. R. HARTMANN, K. DEUTSCH, S.I. POLYCHRONOPOULOS. G.M. B. Gina M. DORBIN, V. **Relationships, Sexuality, and Intimacy in Autism Spectrum Disorders, Recent Advances in Autism Spectrum Disorders**. v.1, Michael Fitzgerald, IntechOpen, 2013. DOI: 10.5772/53954. Available from: <https://www.intechopen.com/chapters/43429>.

VAN SCHALKWYK, G. L. **At the Intersection of Neurodiversity and Gender Diversity. J Autism Dev Disord**. 2018 Dec;48(12):3973. doi: 10.1007/s10803-018-3735-2. PMID: 30220017.

VAN SCHALKWYK, G. L. MARIAN, C. E. ORTIZ, M. [ROLISON, M. QAYYUM, Z. McPARTLAND. LEBOWITZ, E.R. VOLKMAR, F.R. SILVERMAN, W. K.](#) **Social Media Use, Friendship Quality, and the Moderating Role of Anxiety in Adolescents with Autism Spectrum Disorder**. *J Autism Dev Disord*. 2017 September ; v. 47, n. 9, p. 2805–2813. doi:10.1007/s10803-017-3201-6.

VIEIRA, A. C. **Sexualidade e transtorno do espectro autista: Relatos de familiares**. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2016.

VILLAMAYOR, V. L. MURGIÓNDO, J. E. **Desarrollo Sexual de las Personas con Tea: Percepción de los Profesionales de la Educación.** Actas del XIX Congreso Internacional de Investigación Educativa (Vol. I). p. 220-225

WARD, D. M., DILL-SHACKLEFORD, K. E. MAZUERREK, M. O. **Social Media Use and Happiness in Adults with Autism Spectrum Disorder.** Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking, v. 21, n. 3, p. 205-209. 2018. doi:10.1089/cyber.2017.0331.

YEW, R. Y. SAMUEL P. HOOLEY, M. MESIBOY, G. B. Stokes, M. A. **A systematic review of romantic relationship initiation and maintenance factors in autism. Personal Relationships.** 2021. doi:10.1111/pere.12397

YOUTUBE ABOUT. <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/press/>. Último acesso 25/03/2020.

ZHAO, Y. ZHANG, J. WU, M. **Finding Users' Voice on Social Media: An Investigation of Online Support Groups for Autism-Affected Users on Facebook.** Int. J. Environ. Res. Public Health, v. 16, n 23, 4804. 2019 doi:10.3390/ijerph16234804.

ZUCKER, C. DONVAM, J. **Outra sintonia: A história do autismo.** 1 ed. São Paulo. Companhia das Letras. 2017.

**ANEXO I:** Carta de dispensa de apresentação do projeto ao Comitê de Ética.

**CARTA DE DISPENSA DE APRESENTAÇÃO AO CEP OU CEUA**

**À COORDENADORIA DO PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNISAGRADO**

Informo que não é necessária a submissão do projeto de pesquisa intitulado ANÁLISE DOCUMENTAL DE MATERIAIS AUDIOVISUAIS SOBRE A SEXUALIDADE DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA, ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) ou à Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA) devido ao fato de se tratar de uma análise documental, que terá como material vídeos coletados na plataforma online *Youtube* de modo público e sem restrições. Ainda assim, serão resguardados os dados dos produtores do material selecionado para análise, em respeito à suas identidades, utilizando apenas fragmentos dos áudios disponibilizados para responder ao objetivo da pesquisa.

Atenciosamente,

Xxxxxxxx

Ana Carla Vieira Ottoni – CRP 06/128598